

Nome Name <i>Max Barmeier</i>	Nº Nr. —
Professor(a) Lehrer(in) <i>Coel. Y.</i>	Matéria Fach <i>Port</i>
Classe Klasse <i>7233</i>	Nota Note <i>7,0 (Br) / 7 (Ae)</i>
Data Datum <i>02 / 09 / 25</i>	Média da turma Klassendurchschnitt
Assinatura do Responsável Unterschrift der Eltern:	

Avaliação Semestral de Língua Portuguesa – P1

Conteúdo: "A Paixão segundo G.H." de Clarice Lispector

Texto I

"Tenho afeição pelo mundo, tenho desejos fortes e definidos, hoje de noite irei dançar e comer, não usarei o vestido azul, mas o preto e branco. Mas ao mesmo tempo não preciso de nada. Não preciso sequer que uma árvore exista. Eu sei agora de um modo que prescindir de tudo - e também de amor, de natureza, de objetos. Um modo que prescindir de mim. Embora, quanto a meus desejos, a minhas paixões, a meu contato com uma árvore - eles continuem sendo para mim como uma boca comendo.

A despersonalização como a destituição do individual inútil - a perda de tudo o que se possa perder e, ainda assim, ser. Pouco a pouco tirar de si, com um esforço tão atento que não se sente a dor, tirar de si, como quem se livra da própria pele, as características. Tudo o que me caracteriza é apenas o modo como sou mais facilmente visível aos outros e como termino sendo superficialmente reconhecível por mim. Assim como houve o momento em que vi que a barata é a barata de todas as baratas, assim quero de mim mesma encontrar em mim a mulher de todas as mulheres.

↳ para si - 7 em si (limite)

A despersonalização como a grande objetivação de si mesmo. A maior exteriorização a que se chega. Quem se atinge pela despersonalização reconhecerá o outro sob qualquer disfarce: o primeiro passo em relação ao outro é achar em si mesmo o homem de todos os homens. Toda mulher é a mulher de todas as mulheres, todo homem é o homem de todos os homens, e cada um deles poderia se apresentar onde quer que se julgue o homem. Mas apenas em imanência, porque só alguns

atingem o ponto de, em nós, se reconhecerem. E então, pela simples presença da existência deles, revelarem a nossa.

Albino (claro)

Aquilo de que se vive - e por não ter nome só a mudez pronuncia - é disso que me aproximo através da grande largueza de deixar de me ser. Não porque eu então encontre o nome do nome e torne concreto o impalpável - mas porque designo o impalpável como impalpável, e então o sopro recrudescer como na chama de uma vela.

A gradual desenraização de si mesmo é o verdadeiro trabalho que se labora sob o aparente trabalho, a vida é uma missão secreta. Tão secreta é a verdadeira vida que nem a mim, que morro dela, me pode ser confiada a senha, morro sem saber de quê. E o segredo é tal que, somente se a missão chegar a se cumprir é que, por um relance, percebo que nasci incumbida - toda vida é uma missão secreta" (Lispector, 2009, p. 130/131)

LISPECTOR, Clarice. *A Paixão segundo G.H.*. São Paulo: Editora Rocco, 2009.

Texto II

Para Jean-Paul Sartre, a realidade humana pode ser compreendida como um constante fazer-se. Não há nada que possa satisfazê-la inteiramente, pois a incompletude é sua própria substância, de modo que a liberdade é sua essência, visto que o que define um indivíduo são suas escolhas; desse ponto de vista, verificamos que, em Sartre, podemos descartar a ideia de uma personalidade *em si mesma*, posto que o ser enquanto ser é um nada de ser. A liberdade, para o pensador francês, não pode ser concebida da mesma forma que as demais características do ser, mas sim como o fundamento de todas elas; portanto, está contida no âmago do ser. Não há nada que justifique essa ou aquela ação, a não ser a própria liberdade, o que confere ao homem a total responsabilidade diante de seus atos. *- natureza, angústia*

"Para a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, nem tampouco de dentro, que possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonada, sem auxílio de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de se fazer ser até ao mais ínfimo pormenor. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, quer dizer, o seu nada de ser. (...) O homem não pode ser ora livre, ora escravo; ele é inteiramente e sempre livre, ou não é." - [Sartre, J.-P., *O Ser e o Nada*].
↳ homem = par-si, sem essência

Portanto, podemos concluir que Sartre contrapõe-se às noções deterministas tanto internas, negando, desta forma, a teoria psicanalítica, no que diz respeito às determinações inconscientes que

1ma-fe, " " *W* " " "

2. 1// → 2 guarda / Tabala Rosa / para outro

3 Barata / c-n-r

4 Absorção / de líquido

$y \} g. 2 //$ $g. 3 \rightarrow$ les. 4 de page

norteariam a vida consciente de um indivíduo, como externas, desconsiderando, além das influências metafísicas, as condições econômicas e sociais que, embora possam exercer certa influência, não são determinantes na vida de um indivíduo. (...) Transpondo para um ponto de vista mais pragmático, podemos constatar as conclusões sartrianas na frequente e perene insatisfação do homem que, na tentativa de atingir um ser pleno e dotado de pura positividade – um Em-si -, age de forma incessantemente. Como todas as suas tentativas fracassam, já que, como vimos, o Em-si só pode ser apreendido pelo outro, ele tenta novamente e, de novo, fracassa; desta forma, a plenitude nunca é alcançada e este ciclo de movimento nunca cessa.

↳ 6. P quebra o ciclo, aceite a parafina pelo Rerolla //

Disponível em: <https://colunastortas.com.br/jean-paul-sartre-problema-do-ser/>. Acesso em 19/08/2025.

1. Apresente o início do transe epifânico de G.H. em "A Paixão segundo G.H." → *guarida*
2. Explique como o encontro com a barata redefine em G.H. a percepção de si mesma e a relação com a universalidade humana.
3. Discuta se a experiência de G.H., ao encarar a barata, **revela a incompletude existencial** de Sartre, em que o ser humano precisa refazer-se continuamente e **nunca alcança a plenitude** do *Em-si*. *2. quer ser a barata (em si)*

Acompanhar G.H. em sua jornada ^(à) caminho da verdade ^{criar antes}
 "do que aconteceu ontem" ^{de palavra} requer, antes de tudo, a desconstrução ^{modular}
 de qualquer expectativa quanto à narrativa. De contramão ^{inibida},
 a obra clarissima "A Paixão segundo G.H." se estabelece com
 caráter metafísico, isto é, reflexivo, representado pela reconstrução
 dos fatos narrados ~~(sobre a obra) narrada de G.H.)~~ e a tentativa
 de entendê-los por parte da G.H.. Assim, suas experiências não
 tratadas como "perdas abertas", o que leva o leitor a seguir
 os pensamentos da personagem diretamente.

Essa relação, no entanto, não é estabelecida em vão. Ao consolidar uma "mão de apoio" imaginária, G.H. sinaliza o adentramento no desconhecido, tendo em vista que, até então, descrevera a si mesma como "G.H. entre aspas", vivendo uma vida superficial,

monótona e prezada pelo controle. O momento no qual essa autoconsciente estabilidade se esbarra pela primeira vez é representado pela guerra de expectativa de G.H. ao entrar no quarto isolado de sua ex-empregada, Janair. O vazio encontrado no quarto, a "tábua rasa", ameaça G.H. como um "silêncio ensurdecedor". Não ~~apenas~~ limitado à ironia, o quarto apresenta também um mural desenhado em carvão em uma das paredes. Ambos esses aspectos fazem tanto a ideia da "presença na ausência", Janair estando presente pelo mural, quanto o conceito sartreano da "observação do outro". Segundo o filósofo francês, o indivíduo pensante, sem essência própria, o "para-si", neste caso sendo G.H., se sentiria desmoralizado diante de tal observação, o que chama de "para-outro". A personagem se sente julgada pelo mural, dizendo que "Janair via a G.H. sem roupas". Isso significa que, ao ser observada, G.H. ~~conhece~~ toma consciência pela primeira vez de sua possível existência "sem roupas", explicada por Sartre como "em-si", com ~~ou~~ essência.

Esse conhecimento obtido se torna então a primeira faísca da intriga de G.H. ao explorar o quarto, ou metafisicamente: adentrar o desconhecido mais profundamente, em busca do em-si. E G.H. de fato o encontra, por meio da barata. A barata achada no armário é descrita como "antiga", "seca". Com essas descrições, a personagem se refere, na verdade, à antecedência da essência à existência, como explicada por Sartre. Ao retratar, descrever e analisar o inseto, G.H. se percebe como para-si: muito antes da existência dos humanos, que vivem sem essência, se moldando a todo momento, já ~~haviam~~ baratas com sua essência estabelecida. Essa reflexão fez com que a ~~para~~ namorada note sua ingenuidade, por meio da má fé sartreana. G.H. era para-si, fingindo ser em-si, fingindo ter essência e portanto limitando sua liberdade. Ela vivia uma vida suportada por apostrofes, e agora estava ciente disto.

Ao descolar o em-si, a vida em sua forma mais pura, G.H. se encontra olhando para o chamado (~~estado~~) "aburdo" como definido por Albert Camus. O aburdo consiste do silêncio do universo diante a reflexão e questionamentos humanos, sendo aqui tanto a "indiferença" e o estado puro do em-si quanto o descrito "silêncio ameaçador" do quarto. ~~(isto)~~ Esse contraste é

(100) exatamente aquilo que G.H. não consegue pôr em palavras, é o "indizível". É o desejo e a necessidade do indivíduo, do para-si, de achar sentido ou razão naquilo que "apenas é", independente destes aspectos.

Diante disso, tendo sua "vida de adornos" em mente, G.H. tem então que tomar uma escolha. Segundo Camus, o indivíduo que se depara com o absurdo tem apenas duas opções: a chamada "revolta", ou o suicídio (físico ou filosófico). Até então, a narradora só mencionara o que no seu caso seria suicídio filosófico: ela dizia que ainda havia esperança de "voltar pelo túnel que entrou", isto é, voltar à vida de ignorância e reinstalar a ma-fé. Mas é diante disso que a revolta camusiana desafia o "impossível" sartreano por meio de ~~(uma ação)~~ um ato contraditório: G.H., o para-si, na tentativa de se aproximar ou se tornar o em-si, encosta os lábios na região branca da barba. Em ação, a revolta, representa a quebra do ciclo da ma-fé, a devolução de G.H. a continuar vivendo como para-si, apesar do absurdo. A revolta representa a aceitação do absurdo como algo indesejável, ou em termos sartreanos, a aceitação do para-si como característica inelutável e sem essência, livre para viver uma vida de escolhas, apesar da angústia constante e ~~(constant)~~ inerentemente incompreensível. É justamente por meio do ato, que G.H. percebe e aceita que o "vazio" e o "indizível" não devem ser "preconcluídos" nem explicados, mas ~~(são)~~ ~~(são)~~ a serem vividos e aceitos.

Max,

O texto evidencia concretamente as ideias Sartre como referencial teórico. Contudo, observa-se que tal citação permanece um pouco dissociada da análise da obra, configurando-se mais como ornamento do que como instrumento interpretativo. Ao não mobilizar de forma aprofundada os conceitos sartreanos para iluminar as dimensões existenciais, ontológicas e morais da obra, a fundamentação filosófica perde sua função crítica, mantendo-se periférica em relação ao corpus literário.

Para conferir maior rigor, recomendo que a teoria